

# **Resultados de análises quantitativas da representação do sujeito no PB: indícios de uma nova gramática?<sup>1</sup>**

Eunice das Dores Nicolau  
**Universidade Federal de Minas Gerais**

## **Abstract**

In this paper I discuss the characterization of Brazilian Portuguese (BP) in terms of the possibility of null subjects. Some recent analyses (TARALLO:1993b, DUARTE:1993/1995 and MENON:1994) have argued, on the basis of quantitative results, that BP has lost its pro-drop character. But other variationist analyses (PAREDES DA SILVA:1988; NEGRÃO:1990; NICOLAU:1994; etc.) prove that BP can be characterized as presenting the possibility of null subjects. I show then that the proposal of linguistic change mentioned above cannot be maintained when faced with the Principles & Parameters model (cf. CHOMSKY:1981-1995). In other words, I show that the quantitative results of the variationist analyses cannot be considered as evidence of a parametric change or, more specifically, of the emergence of a new grammar.

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A representação do sujeito constitui o objeto de inúmeros estudos realizados recentemente sobre o português brasileiro (PB) e preocupados com duas propriedades – a possibilidade de sujeito nulo (em orações com tempo) e a possibilidade de “inversão do sujeito”, ou “ordem Verbo-Sujeito” (doravante, ordem VS) – que, desde a década de oitenta, vêm sendo tratadas na literatura gerativista como integrantes do conjunto de características que estabelece a distinção entre línguas “pro-drop” e línguas “não-pro-drop”. Entre tais estudos, inclui-se o de TARALLO (1993b) que, com base em resultados de alguns estudos sociolinguísticos quantitativos, conclui que o PB atual difere do português europeu (PE) em vários aspectos, um deles relacionado às duas propriedades acima mencionadas, que o PE exhibe (e, portanto, é uma língua “pro-drop”), enquanto o PB já teria perdido.

Essa mudança do PB na direção de uma língua “não-pro-drop” é defendida também por DUARTE (1993, 1995) e MENON (1994), que analisam quantitativamente o uso do sujeito nulo no PB. Com base nos resultados de suas análises quantitativas, essas autoras concluem, à semelhança de TARALLO, que o PB teria perdido o seu caráter “pro-drop”; mais exatamente: o PB teria, nos termos de DUARTE (1993) e MENON (1994), deixado de exibir o sujeito nulo e, segundo DUARTE (1993, 1995), perdido a capacidade de licenciar esse tipo de sujeito. Mas outros estudos, tais como os de PAREDES DA SILVA (1988), OLIVEIRA (1990)<sup>2</sup> e NICOLAU (1994), registram altos índices de sujeito nulo no PB, o que suscita a seguinte questão:

Os resultados de análises quantitativas da representação do sujeito no PB encontradas na literatura são realmente indícios de uma **nova gramática?**

As análises anteriormente mencionadas serão, então, examinadas no presente artigo, com o objetivo de mostrar que a contradição entre os altos índices de sujeito nulo registrados no PB por PAREDES DA SILVA, OLIVEIRA e NICOLAU e a posição defendida por TARALLO, DUARTE e MENON é apenas aparente; ou seja, decorre da interpretação que esses últimos autores atribuem às frequências de uso do sujeito nulo nas quais baseiam as suas conclusões, que não se sustentam diante dos seguintes fatos:

- a) à luz de pressupostos fornecidos pelo modelo de Princípios e Parâmetros, os resultados quantitativos examinados por TARALLO, assim como os obtidos por DUARTE e MENON, não atestam a ocorrência de mudança paramétrica no PB;
- b) os altos índices de uso do sujeito nulo no PB registrados por PAREDES DA SILVA, OLIVEIRA e NICOLAU descartam a possibilidade de se formular, em termos labovianos, a hipótese de que, nessa modalidade do português, o sujeito nulo (considerada, então, uma variante mais antiga) estaria cedendo o seu lugar para o sujeito lexical (uma variante inovadora).

Em função desse objetivo, o estudo de TARALLO – que focaliza as duas principais propriedades tidas como derivadas da marcação positiva do **Parâmetro pro-drop** (ou seja, a possibilidade de sujeito nulo e a possibilidade de ORDEM VS) – será discutido na seção 2, que incluirá a explicitação de alguns dos pressupostos fornecidos pelo modelo de Princípios e Parâmetros. Na seção 3, serão examinados os resultados quantitativos obtidos através de diversos estudos que tratam do uso do sujeito nulo no PB. Finalmente, a seção 4 buscará responder à questão acima e explicitar a direção para a qual aponta a aparente contradição revelada pelos estudos examinados.

## 2. A HIPÓTESE DE MUDANÇA NO PB

TARALLO (1993b) defende a emergência de uma gramática brasileira ao final do século XIX, alegando que, desde essa época,

a variedade portuguesa falada no Brasil distancia-se, estruturalmente, da gramática portuguesa; ou seja, que datam dessa época as nítidas diferenças estruturais que, no presente século, se tornaram acentuadas a ponto de já poderem ser consideradas como traços sintáticos caracterizadores de uma gramática brasileira, radicalmente distinta da gramática lusitana. Segundo o referido autor, essa emergência de um novo sistema gramatical é evidenciada pela ocorrência de quatro grandes mudanças sintáticas comprovadas por estudos sociolinguísticos, listadas em (1), abaixo:

- (1) a) a re-organização do sistema pronominal (cf. TARALLO, 1983, 1985);
- b) a mudança sintática ocorrida nas estratégias de relativização (cf. TARALLO, 1983, 1985);
- c) a re-organização dos padrões sentenciais básicos (cf. BERLINCK, 1988, 1989) e o enrijecimento do princípio de adjacência (cf. RAMOS, 1989, 1991);
- d) a mudança nos padrões sentenciais em perguntas diretas e indiretas (cf. DUARTE, 1991).

Os pressupostos fornecidos pelo quadro teórico desenvolvido por WEINREICH, LABOV & HERZOG (1968) são assumidos por TARALLO (1993b), que discute, então, essas quatro mudanças e conclui que elas constituem evidência em favor da noção de encaixamento lingüístico postulada nesse quadro; ou seja, são casos de mudanças relacionadas de tal modo que cada uma cria condições lingüísticas para a realização das outras, o que confirma o pressuposto segundo o qual as mudanças “formam uma espécie de cadeia de fenômenos de mudança”. Para o referido autor, duas dessas mudanças – a re-organização do sistema pronominal e a re-organização dos padrões sentenciais básicos – trouxeram como consequência uma outra mudança que, conforme explicitam os parágrafos abaixo, coloca o português do Brasil ao lado de línguas parametricamente distintas da língua portuguesa.

Segundo TARALLO (1993a), nos últimos 250 anos, houve uma reorganização do paradigma pronominal da cláusula matriz do PB falado, de modo que, a partir da segunda metade do século XIX, a posição do sujeito é significativamente mais preenchida. Para o autor, houve uma mudança no sistema pronominal do PB por volta de 1880, quando se verificou uma inversão repentina da relação que até então se estabelecia entre o índice de preenchimento da posição do sujeito e o índice de preenchimento de outros argumentos. Essa inversão seria atestada pelos valores exibidos na TABELA 1 (adaptada da TABELA 3, de TARALLO:1993b, p.84), a seguir:

TEMPO =>	1725	1775	1825	1880	1981
FUNÇÃO	%	%	%	%	%
sujeito	23,3	26,6	16,4	32,7	79,4
obj. dir.	89,2	96,2	83,7	60,2	18,2
(SPs)	96,5	98,9	91,3	72,9	44,8

TABELA 1: Retenção pronominal nas três funções sintáticas principais, considerado o período de tempo 1725-1981.

Depois de ressaltar o fato evidenciado por esses resultados, ou seja, o fato de que a hierarquia para a retenção pronominal encontrada nos dados diacrônicos (**SPs > ob. diretos > sujeitos**) é substituída por outra, bastante diferenciada, nos dados de 1981 (**sujeitos > SPs > obj. diretos**), TARALLO (1993b:89) afirma que:

Com base nos resultados obtidos em Tarallo (1983, 1985) que atestavam o crescimento de sujeitos lexicais acompanhado de um decréscimo no objeto direto anafórico, um argumento forte pode ser feito em relação à modalidade brasileira como um sistema em fase de transição de língua 'pro-drop' para 'não-pro-drop', isto é, uma mudança paramétrica.

De acordo com TARALLO, a reversão nas estratégias de pronominalização – que abriu espaço para sujeitos lexicais e objetos nulos – aponta para a hipótese de um enrijecimento no padrão canônico de ordem das palavras em direção a SV, com uma proporção decrescente para sujeitos invertidos, e essa hipótese é, segundo o referido autor, confirmada por BERLINCK (1988, 1989), que estuda, sob uma perspectiva diacrônica, a ordem do sujeito em relação ao verbo no PB. Buscando identificar os fatores significativos na explicação da ordem VS, BERLINCK analisa quantitativamente três conjuntos de dados – dados de 1750, de 1850 e de 1987 – assumindo a hipótese de que a motivação para o uso da ordem VS seria diferente em cada conjunto. TARALLO observa que os resultados dessa análise de Berlinck, além de revelarem uma frequência decrescente da ordem VS nos três **corpora** – dados de 1750 (42%), dados de 1850 (31%) e dados de 1987 (21%) – confirmam a hipótese acima, já que, na ordem hierárquica dos fatores considerados significativos na explicação da ocorrência da ordem VS, verifica-se o seguinte: no século XVIII, o estatuto informacional do sintagma nominal sujeito apresenta-se como o primeiro fator significativo, e o tipo de verbo, como o quarto; esse último passa a ser o primeiro fator significativo no século XIX e cede essa posição para o fator transitividade nos dados do século XX. Quanto ao comportamento diferenciado dos fatores condicionadores da ordem VS, registrado por Berlinck no PB em diferentes épocas, TARALLO (1993b:91) afirma o seguinte:

Tal fato explica a existência de duas gramáticas, uma na qual as ocorrências de VS são explicadas via fatores funcionais, tais como o estatuto informacional do sintagma nominal sujeito (por exemplo, o século XVIII), e outra em que a transitividade do verbo bloqueia a possibilidade de inversão do sujeito.

Em síntese, TARALLO (1993b) interpreta os resultados quantitativos encontrados por TARALLO (1983, 1985)<sup>3</sup> e por BERLINCK (1988, 1989) como evidências em favor de uma mudança paramétrica no PB, que teria passado de língua “pro-drop” a língua “não-pro-drop”.

A análise de TARALLO (1993b) remete, portanto, à Gramática Gerativa e, diante das noções de parâmetro, variação paramétrica, mudança paramétrica e parâmetro “pro-drop”, formuladas no âmbito desse quadro teórico, a hipótese de mudança paramétrica no PB defendida por esse autor suscita algumas questões, cuja explicitação implica que a concepção teórica assumida na referida análise seja, previamente, explicitada.

## **2.1 A concepção teórica assumida por TARALLO (1993b)**

Ao argumentar em favor da emergência de uma gramática brasileira, assumindo uma hipótese de trabalho estabelecida à luz do quadro teórico desenvolvido por WEINREICH, LABOV & HERZOG (1968), TARALLO (1993b:74) ressalta que:

... as mudanças acontecem em teias e ecoam umas nas outras. Tal eco sintático de um processo de mudança a outro – e que não necessariamente forma uma linha reta – é teoricamente previsível a partir de um paradigma sintático forte para a análise lingüística: o modelo chomskiano (cf. Tarallo & Kato, 1989).

Com essas palavras, o autor invoca a principal concepção teórica defendida por TARALLO & KATO (1989), num documento ao qual KATO (1993:16) se refere como “o manifesto” do “casamento selado de Tarallo, intra-variacionista, com Kato, inter-variacionista gerativista”, que acreditam que:

... os mesmos princípios e parâmetros deveriam dar conta da variação inter-lingüística e intra-lingüística e os conceitos de ‘encaixamento’ estrutural e ‘parâmetro’ poderiam ser conciliados.

Essa proposta de conciliação de dois modelos de análise lingüística até então vistos como inconciliáveis (ou, nos termos de KATO (1993), “essa proposta heterodoxa de estudar gramática”) tem estado subjacente a inúmeros estudos sobre o PB. Entre esses estudos, encontra-se o de RAMOS (1992), que se destaca pelo fato

de contribuir, substancialmente, para a explicitação da proposta. Uma preocupação marcadamente presente em RAMOS (1992) é a de elucidar a possível colaboração fornecida pela Sociolinguística Variacionista para a descrição da mudança lingüística no quadro da Gramática Gerativa, e vice-versa. Essa preocupação leva a autora a estabelecer algumas relações e colocar em evidência conceitos, definições e distinções estabelecidos no âmbito da Gramática Gerativa (mais especificamente, da Teoria de Princípios e Parâmetros) que se mostram relevantes para um exame da hipótese de mudança no PB defendida por TARALLO (1993b), tendo-se em vista a concepção teórica assumida por esse autor. Em vista desse fato, as noções básicas do modelo de Princípios e Parâmetros serão explicitadas na subseção **2.2**, e alguns pontos do estudo de RAMOS serão sintetizados na subseção **2.3**.

## **2.2 As noções de parâmetro e de variação paramétrica**

O modelo de Princípios e Parâmetros formulado no âmbito da Teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY: 1981, 1982, 1986, 1988) é, fortemente, ressaltado no Programa Minimalista (CHOMSKY & LASNIK:1993; CHOMSKY:1993, 1994, 1995). Para CHOMSKY, o fato de as línguas naturais apresentarem, ao mesmo tempo, similaridades e peculiaridades decorre da existência de um conjunto de princípios pré-determinados – a faculdade da linguagem, específica da espécie humana (Gramática Universal) – e da existência de certas opções na aplicação desses princípios. CHOMSKY (1994) afirma que essa preocupação com o estudo de linguagem e mente faz parte de uma tradição gramatical que, depois de esquecida por longo tempo, foi revivida pela gramática gerativa, que inicialmente se deparou com dois problemas: a **adequação descritiva** (uma teoria adequada da linguagem deveria fornecer uma maneira de explicar os fenômenos de línguas particulares) e a **adequação explicativa** (uma teoria adequada da linguagem deveria ser capaz de explicar como o conhecimento dos fenômenos de uma língua particular surge na

mente do falante-ouvinte). Para alcançar adequação descritiva, a teoria da gramática de uma língua particular tem que caracterizar o estado atingido pela faculdade da linguagem e, para alcançar adequação explicativa, uma teoria da linguagem tem que caracterizar o estado inicial da faculdade da linguagem e mostrar como ela mapeia a experiência para o estado atingido. Segundo CHOMSKY (1994:3), a culminância dos esforços para se reduzir a tensão entre esses objetivos de adequação descritiva e explicativa foi atingida pelo modelo de Princípios e Parâmetros (P&P), e:

The basic assumption of the P&P model is that languages have no rules at all in anything like the traditional sense, and no grammatical constructions (relative clauses, passives, etc.) except as taxonomic artifacts. There are universal principles and a finite array of options as to how they apply (parameters).

De acordo com esse modelo, há um conjunto finito de parâmetros e um número finito de valores que são associados a esses parâmetros; a variação entre as línguas se reduz à variação nos valores associados aos parâmetros; a seleção de um valor específico para um determinado parâmetro resulta num padrão específico de propriedades lingüísticas e a seleção de um valor diferente para esse mesmo parâmetro resulta num padrão, também diferente, de propriedades lingüísticas.

### 2.3 O estudo de RAMOS (1992)

Ao analisar **a marcação preposicional de complementos verbais no Português do Brasil**, RAMOS (1992) assume a possível conciliação entre a Gramática Gerativa e a Sociolingüística Variacionista, buscando justificar, ampla e exaustivamente, a sua posição. Tal conciliação, na opinião de RAMOS (1992:2), é uma rua de mão dupla, ou seja, beneficia ambos os modelos:

Através da interdisciplinaridade, suponho poderem ser superados os problemas relativos à não significatividade gramatical dos

resultados das tabelas de estudos variacionistas que lidam com mudança sintática, e também os problemas relativos à não-confiabilidade dos dados apresentados em estudos gerativistas.

A autora examina as concepções de mudança lingüística encontradas na Gramática Gerativa e na Sociolingüística Variacionista, buscando “ressaltar sobreposições e contrastes” revelados pela comparação de pressupostos fornecidos por esses dois modelos, tendo em vista a discussão da “viabilidade de um tratamento interdisciplinar da mudança”. Partindo da Gramática Gerativa – que concebe a mudança lingüística como substituição de uma gramática por outra e tal substituição como um processo resultante de variação paramétrica, RAMOS (1992:5) afirma o seguinte:

A mudança lingüística interessa à gramática gerativa, na medida em que aponta dois tipos de pares de construções. O primeiro formado por uma construção gramatical e uma agramatical, sendo esta última freqüente em estágios anteriores da língua e rejeitada por falantes contemporâneos. O segundo par apresenta uma construção que é apenas de domínio passivo da comunidade, isto é, *um membro do par, embora reconhecido como gramatical (ou bem formado) pela comunidade, não é produzido pelas gerações mais jovens. Este último constitui um resíduo histórico.* (Grifo meu.)

A autora ressalta que a substituição de uma gramática por outra ou “alteração paramétrica propriamente dita” (a que passa a se referir como MUDANÇA) “manifesta-se superficialmente através de diferentes construções, aparentemente não correlacionadas” (a que passa a se referir como mudança), de modo que a presença de mudanças em diferentes pontos da gramática de uma língua ao mesmo tempo pode constituir indício de reflexos de uma só MUDANÇA, isto é, de alteração na marcação de um único parâmetro. Em seguida, discute a viabilidade de um tratamento interdisciplinar da mudança lingüística, e essa discussão é orientada pela seguinte questão, colocada por RAMOS (1992:12):

Como compatibilizar a noção de variação paramétrica e o movimento gradual de uma mudança, observado através de levantamentos quantitativos?

Segundo RAMOS, uma das respostas para essa pergunta é fornecida por POLLOCK (1987), ADAMS (1984) e ROBERTS (1990), ou seja:

- a) a argumentação apresentada por Pollock em favor de uma mudança paramétrica ocorrida no inglês – ou seja, da substituição de AGR [+transparente] por AGR [- transparente] – e responsável, tanto por diferenças entre o inglês antigo e o inglês moderno quanto por diferenças atualmente registradas entre o inglês e o francês, mostra que o conceito de parâmetro é “adequado para descrever fenômenos diacrônicos e sincrônicos”, e isso fornece evidência empírica da plausibilidade da hipótese segundo a qual ambas as variações (a intra-lingüística e a inter-lingüística) seriam explicadas pelos mesmos princípios;
- b) Pollock defende: (i) a definição de alteração paramétrica em termos de presença/ausência de uma estrutura e (ii) o aspecto gradual da mudança como reflexo de Línguas-I conflitantes; de acordo com a interpretação expressa em (ii), uma mudança paramétrica não precisa ter “um perfil de padrão curvilíneo, tal como as análises quantitativas têm mostrado”;
- c) mas, em contraposição a essa interpretação de Pollock, estaria a análise de Adams, que interpreta o perfil gradual dos resultados quantitativos como evidência da opção, por parte de um número cada vez maior de falantes, pela nova parametrização; ou seja, uma análise que, diferentemente da de Pollock, capta a noção de processo “depreendida da comparação das gramáticas dos diferentes falantes de uma comunidade e responsável pelo padrão curvilíneo da mudança”;

- d) as duas análises acima mencionadas não explicam a co-ocorrência de formas representativas da antiga gramática e de formas representativas da nova gramática na fala de um mesmo indivíduo, mas a elucidação dessa questão pode ser encontrada na proposta de ROBERTS;
- e) de acordo com ROBERTS, o processo de mudança inclui três etapas – **passos** (o momento em que determinadas construções, apesar de permitidas pela gramática, tornam-se raras), **reanálise diacrônica** (fase na qual tais construções, embora ainda não eliminadas da gramática, são usadas numa freqüência radicalmente reduzida) e **mudança paramétrica** (momento em que essas construções não são mais permitidas pela gramática, tornando-se, portanto, agramaticais);
- f) confrontado com o proposto por ROBERTS em relação a um processo de mudança paramétrica, o perfil gradual de mudança revelado por levantamentos quantitativos parece caracterizar-se por apresentar informações que correspondem a duas fases desse processo – **passos e reanálise diacrônica** – e não representar novas parametrizações, que só seriam evidenciadas pelos pontos inicial e final do perfil de uma mudança já completada, já que “*só haveria MUDANÇA [alteração paramétrica propriamente dita] quando um conjunto de formas cessasse de ocorrer*” (grifo meu);
- g) no entanto, segundo Roberts, reanálises podem preceder mudanças propriamente ditas ou ser, apenas, resultado de mudança, e esse fato “*impede que a queda de freqüência seja tomada como diagnóstico de uma possível variação paramétrica, uma vez que tal queda poderia já ser o resultado de outra variação*”. (Grifo meu)

Essa breve visita a RAMOS (1992) permite um exame da análise de TARALLO (1993b) tendo-se em vista a busca de um tratamento interdisciplinar da mudança lingüística assumida pelo autor.

## 2.4 Retomando a análise de TARALLO (1993b)

Diante de algumas posições teóricas assumidas por RAMOS (1992), a conclusão de TARALLO (1993b) sobre a caracterização do PB com base nos resultados obtidos por TARALLO (1983, 1985) e por BERLINCK (1988, 1989) apresenta dois pontos vulneráveis. Para que tais pontos sejam ressaltados, a interpretação de TARALLO será retomada através do QUADRO 1:

	←—————1880—————→	—————1981—————→
sistema pronominal X padrões sentenciais Y	re-organização de X re-organização de Y	sistema pronominal X'
a) posição do sujeito:	posição do sujeito	posição do sujeito:
% não-preench. > % preench.	% não-preench. < % preench.	PREENCHIMENTO
b) padrões sentenciais:		
$\frac{\text{ordem SV}}{\text{ordem VS}} = N$	enrijecimento no padrão canônico de ordem das palavras	
	$\frac{\text{ordem SV}}{\text{ordem VS}} = Z, \text{ onde } Z > N$	
<b>LÍNGUA “pro-drop”</b>	>	ORDEM SV <b>LÍNGUA não-“pro-drop”</b>

QUADRO 1 – Português brasileiro

A interpretação atribuída por TARALLO (1993b) aos resultados quantitativos que examina – e que codifico, então, no QUADRO 1 – pode ser assim sintetizada:

- (i) os dados do PB exibem uma preferência significativa pelo preenchimento do sujeito pronominal em 1981 e esse comportamento é oposto ao que se encontra nos dados dessa língua até o final do século XIX;
- (ii) a preferência pelo preenchimento do sujeito pronominal no PB está intimamente relacionada ao enrijecimento no padrão canônico de ordem das palavras em direção a SV – essas duas características decorrem de duas grandes mudanças sintáticas ocorridas no PB por volta de 1880: a re-organização do sistema pronominal e a re-organização dos padrões sentenciais básicos;
- (iii) a queda nos percentuais de não-preenchimento do sujeito registrada por TARALLO (1983, 1985) – **nos dados de 1885 (76,7%) > nos dados de 1981 (20,6%)** – e na queda nos percentuais de ordem VS registrada por BERLINCK (1988, 1989) – **nos dados de 1850 (42%) > nos dados de 1987 (21%)** – são evidências quantitativas de que a representação e a posição atualmente permitidas ao sujeito no PB constituem alguns dos traços distintivos de uma nova gramática, que perdeu *as duas propriedades consideradas na literatura como as mais importantes na caracterização de uma língua “pro-drop” – a possibilidade de sujeito nulo e a ordem VS.*

Essa interpretação apresenta, portanto, dois problemas – um primeiro, que diz respeito à noção de *mudança paramétrica* e um outro, que diz respeito à noção de *parâmetro “pro-drop”*. A explicitação de cada um desses problemas será feita a seguir.

#### 2.4.1 O problema relativo à noção de mudança paramétrica

Conforme afirma RAMOS, no quadro da Gramática Gerativa:

- (a) a mudança lingüística é concebida como substituição de uma gramática por outra; ou seja, a substituição de uma gramática por outra é que consiste na “alteração paramétrica propriamente dita” (que a autora distingue graficamente como MUDANÇA);
- (b) a mudança lingüística é objeto de interesse porque aponta dois pares de construções, sendo um deles formado por uma construção gramatical e uma outra que, apesar de freqüente em estágios anteriores da língua, torna-se agramatical, passando, então, a ser rejeitada pelos falantes dessa língua – para POLLOCK (1987), alteração paramétrica deve ser definida em termos de presença/ausência de uma estrutura e, de acordo com ROBERTS (1990), **mudança paramétrica** é o momento em que certas construções não são mais permitidas pela gramática, tornando-se, portanto, agramaticais;
- (c) “só haveria MUDANÇA quando um conjunto de formas cessasse de ocorrer”.

Com base nessas afirmações, os resultados quantitativos examinados por TARALLO não retratam, portanto, uma **mudança paramétrica**, ou seja:

- a) a freqüência de não-preenchimento do sujeito pronominal nos dados sincrônicos registrada por TARALLO (1983, 1985) não expressa perda da possibilidade de sujeito nulo no PB;
- b) o percentual relativo aos dados sincrônicos obtido por BERLINCK (1988, 1989) – analisado como relativo à ocorrência da ordem VS no PB atual – não expressa a perda de tal propriedade na língua em questão.

Poder-se-ia supor que a interpretação de tais resultados quantitativos como o retrato de uma mudança paramétrica se justifica por estar o autor se referindo à mudança como um processo ainda não concluído. No entanto, diante de algumas das posições

gerativistas invocadas no estudo de RAMOS, essa suposição não parece plausível, conforme mostram os argumentos abaixo.

Como visto na seção anterior, para ROBERTS (1990), **mudança paramétrica** é a etapa na qual se dá a culminância de um processo que inclui mais duas outras: **passos** – quando certas construções, apesar de permitidas pela gramática, tornam-se raras; **reanálise diacrônica** – quando tais construções, embora ainda não eliminadas da gramática, são usadas numa frequência radicalmente reduzida.

A **reanálise diacrônica**, etapa que, segundo ROBERTS, precede imediatamente a “mudança paramétrica propriamente dita”, parece poder ser interpretada como:

- (i) o momento no qual se verifica a ocorrência de um segundo par de construções apontado pela mudança lingüística que, na opinião de RAMOS, interessa à Gramática Gerativa – um par que apresenta uma construção que é apenas de domínio passivo da comunidade, isto é, um membro que, embora reconhecido como gramatical pela comunidade, não é produzido pelas gerações mais jovens, e essa construção constitui um resíduo histórico;
- (ii) um momento que, em princípio, poderia ser representado por resultados de análises sociolingüísticas realizadas à luz do modelo teórico-metodológico proposto por LABOV (1982): de acordo com esse modelo, uma das evidências com base nas quais uma variação pode ser caracterizada como mudança em progresso é o **tempo aparente**, ou seja, a constatação de que a forma inovadora é realizada mais freqüentemente pelas gerações mais jovens; a etapa chamada por ROBERTS de **reanálise diacrônica** poderia, então, ser retratada por uma análise na qual seria registrada uma relação diretamente proporcional entre o fator idade e a presença da forma que estaria cedendo o seu lugar (quanto menos idade tivesse o grupo de falantes, menos freqüente seria tal forma).

Pelo exposto, é evidente que:

- 1º) Os resultados quantitativos interpretados por TARALLO não podem ser tomados como reveladores de uma **mudança paramétrica** enquanto um processo prestes a ser concluído (ou, uma **reanálise diacrônica**, nos termos de ROBERTS), pois não indicam uma frequência radicalmente reduzida – nem de sujeito nulo nem de ordem VS – e, além disso, não resultam de análises que levam em conta, nos dados sincrônicos, o fator **idade**, de modo que não podem ser considerados como reflexo da ocorrência de um par de construção que é apenas de domínio passivo da comunidade.
- 2º) Os percentuais em questão não podem ser tomados, seguramente, como o retrato de uma **mudança paramétrica** na etapa que ROBERTS chama de **passos**, uma vez que: em primeiro lugar, uma forma presente em 20% dos dados não constitui uma raridade; em segundo lugar, as informações contidas na TABELA 1 (ver seção **2.2**) levam a supor que os percentuais relativos ao preenchimento do sujeito pronominal interpretados por TARALLO constituem um resultado enviesado pelos dados utilizados nas análises através das quais foram obtidos; em outras palavras, como mostra a TABELA 1, TARALLO (1983, 1985) examina cinco conjuntos de dados, codificados em função do tempo considerado (tempo I = 1725; tempo II = 1775; tempo III = 1825; tempo IV = 1880; tempo V = 1981) e os percentuais de retenção pronominal encontrados nos quatro primeiros conjuntos de dados – extraídos de textos **escritos** – distanciam-se, significativamente, do percentual de retenção pronominal encontrado no conjunto V – extraído de “uma série de entrevistas sociolingüísticas”, ou seja, no conjunto constituído de dados de **fala**; isso significa que a análise de TARALLO (1983, 1985) não inclui uma restrição que,

conforme assume RAMOS (1992:67) na explicitação do *corpus* por ela utilizado, é relevante para a interpretação de resultados quantitativos:

Para efeito de análise quantitativa, foram considerados apenas os dados de textos escritos. Esta restrição tem por objetivo a obtenção de dados sincrônicos de natureza semelhante à de dados diacrônicos. Isto é, buscou-se *evitar conclusões baseadas em dados escritos e orais, tomados conjuntamente*. (Grifo meu.)

#### 2.4.2 O problema relativo à noção de parâmetro “pro-drop”

Como mostra o QUADRO 1, TARALLO (1993b) associa as altas frequências de preenchimento do sujeito pronominal e da ordem VS registradas nos dados diacrônicos analisados, respectivamente, por TARALLO (1983, 1985) e por BERLINCK (1988, 1989) à caracterização do PB como uma língua “pro-drop” e as frequências relativamente baixas de preenchimento do sujeito pronominal e da ordem VS nos dados sincrônicos também analisados pelos referidos autores à caracterização do PB como uma língua “não-pro-drop”. Assim sendo, o que se verifica na análise de TARALLO é, simplesmente, uma relação estabelecida entre a frequência (que, se baixa, o autor interpreta como ausência) de duas propriedades sintáticas no PB, de um lado, e a caracterização das línguas em função do parâmetro “pro-drop”, de outro. Essa leitura é corroborada pelas palavras de TARALLO (1993b:90):

Conforme definida na literatura chomskiana, uma língua ‘pro-drop’, como o italiano, o espanhol e o português europeu, é caracterizada por uma série de propriedades, as duas mais importantes sendo a possibilidade de sujeitos nulos de um lado, e de inversão de sujeito, de outro.

Esse autor não leva em conta, portanto, a teoria chomskiana, no que diz respeito à concepção de parâmetro e, conseqüentemente, não se preocupa com o parâmetro “pro-drop” enquanto uma opção na aplicação de um princípio – defende uma mudança paramétrica no PB sem, contudo, buscar identificar o princípio que, em relação a essa língua, teria sido marcado com o valor [+], até o final do século XIX (período no qual a língua teria se caracterizado como “pro-drop”) e teria, na referida data, passado a ser marcado com o valor [-]. Em outras palavras, TARALLO não se propõe a responder uma pergunta, que, obviamente, se coloca face à interpretação que esse autor atribui aos resultados que examina e que pode ser formulada como em (2):

- (2) Se houve uma mudança paramétrica no PB, que parâmetro teve o seu valor alterado em relação a essa língua?

Enfim, esse autor não leva em conta uma preocupação que tem se revelado constante nos estudos gerativistas (CHOMSKY:1981, 1986; HUANG:1984; RIZZI:1986, 1990; JAEGGLI & SAFIR:1989; ROBERTS:1993; FIGUEREDO SILVA:1994, etc.), que é a de identificar uma possível propriedade mais abstrata, capaz de explicar a(s) diferença(s) entre as línguas ditas “**pro-drop**” (que apresentam, entre outras propriedades, a possibilidade de sujeito nulo e a ordem VS) e as línguas ditas “**não-pro-drop**” (que, em princípio, não apresentam tais propriedades).

### 3. O PB: UMA LÍNGUA SEM SUJEITO NULO?

A exclusão da possibilidade de sujeito nulo do conjunto de características apresentadas pelo PB tem sido postulada com base em resultados quantitativos que, além de não poderem ser interpretados como indicadores de uma mudança assumindo-se a concepção de mudança do modelo de P&P, mostram-se incompatíveis mesmo com uma hipótese de mudança formulada à luz do

modelo sociolinguístico variacionista, pois os índices de sujeito nulo registrados em diversos estudos realizados sob essa perspectiva nem sempre se mostram de acordo. É desses resultados discordantes que trata a presente seção.

### 3.1 A (im)possibilidade de sujeito nulo no PB

A mudança do PB na direção de uma língua “não-pro-drop” é defendida, também, por DUARTE (1993, 1995). No primeiro desses estudos, a autora analisa um **corpus** constituído de dados extraídos de peças de teatro popular escritas no período compreendido entre 1845 e 1992. Para essa autora, verifica-se, no PB, um processo de evolução na representação fonológica do sujeito, de modo que, nessa variedade do português, o sujeito pronominal nulo, altamente freqüente até 1918, passa, a partir dessa data, a ser substituído pelo sujeito pronominal lexical, que se configura como a opção preferida em 1992. DUARTE examina a representação do sujeito, considerando, isoladamente, os dados do singular relativos a cada uma das três pessoas gramaticais e observa que, ao longo do período considerado, a representação do sujeito de 3ª pessoa distingue-se da representação dos sujeitos de 1ª e de 2ª pessoas. Os índices de ocorrência do sujeito nulo que evidenciaram essa distinção podem ser vistos na TABELA 2 (uma tradução do Gráfico 5, de DUARTE: 1993, p.117):

	1845	1882	1918	1937	1955	1975	1992
1PS	68%	76%	80%	60%	50%	38%	20%
2PS	82%	70%	61%	13%	14%	13%	18%
3PS	70%	48%	50%	59%	50%	40%	45%

TABELA 2: Frequência de sujeito nulo nas três pessoas do singular, registrada nos dados relativos ao período 1845-1992, analisados por DUARTE (1993)

Para a autora, esses resultados constituem evidências de uma profunda alteração na representação do sujeito pronominal no PB, que se explica como sendo uma consequência das simplificações que vêm afetando o sistema flexional dessa língua. Tais simplificações podem ser visualizadas através da TABELA 3, a seguir (cf. DUARTE:1993; p.109, Tabela 1):

Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1 <sup>a</sup>	sing.	cant-o	cant-o	cant-o
2 <sup>a</sup> direta	sing.	canta-s	————	————
2 <sup>a</sup> indireta	sing.	canta-0	canta-0	canta-0
3 <sup>a</sup>	sing.	canta-0	canta-0	canta-0
1 <sup>a</sup>	plur.	canta-mos	canta-mos	canta-0
2 <sup>a</sup> direta	plur.	canta-is	————	————
2 <sup>a</sup> indireta	plur.	canta-m	canta-m	canta-m
3 <sup>a</sup>	plur.	canta-m	canta-m	canta-m

TABELA 3: Evolução nos paradigmas flexionais do português.

Para DUARTE (1993:124),

Na verdade, o que ocorreu com o francês medieval e o que ocorre com o português do Brasil hoje sugerem um período de transição nas duas línguas – de ‘pro-drop’ para ‘não-pro-drop’ – sendo os casos de sujeitos nulos meros resíduos de um paradigma que acabou por perder sua riqueza funcional.

Mas, apesar dessa inferência, DUARTE (1993:123) afirma que:

...a redução no quadro de desinências verbais alterou as características de língua ‘pro-drop’ que o português do Brasil *apresentava* antes de 1937 (...) a **identificação** do sujeito nulo referencial ficou comprometida, transformando-se a ocorrência de **pro** num fenômeno periférico... (Grifo meu)

Essa posição quanto à caracterização do PB, no que diz respeito à possibilidade de sujeito nulo, é também defendida por DUARTE (1995), que analisa quantitativamente: **1.756** dados, da **fala espontânea** de 13 informantes cariocas com formação universitária,

distribuídos em três grupos etários: GRUPO 1 = 59-74 anos; GRUPO 2 = 45-53 anos; GRUPO 3 = 25-32 anos. Esses dados foram coletados em 1992, de uma amostra em relação à qual a autora observa (cf. NOTA 3, p. 32, da obra citada) que: “A amostra, que pertence ao acervo do Projeto NURC/RJ, é intitulada ‘Recontato’ por consistir, excetuando-se o grupo mais jovem, de entrevistas com informantes que participaram do Projeto NURC nos anos 70.” Além dos dados acima mencionados, foram também utilizados nessa análise: **605** dados extraídos de entrevistas de rádio e **451** dados extraídos de entrevistas de TV.

DUARTE examina, então, o comportamento da variável dependente “sujeito nulo vs. sujeito pronominal pleno” em relação a diversos grupos de fatores e registra, nos **1.756** dados de fala espontânea, **1.424** casos de sujeito com referência definida, dentre os quais: **1009** casos de sujeito pronominal pleno (= **71%**) e **415** casos de sujeito nulo (= **29%**). A influência dos fatores apontados como significativos para a realização da variável nesses dados está expressa na TABELA 4 (cf. DUARTE:1995; p. 75; Tabela 3.8), que se encontra na página seguinte.

Assumindo mais uma vez a proposta de TARALLO & KATO (1989), a autora interpreta os resultados quantitativos obtidos como evidência de que, em consequência da redução sofrida pelo seu paradigma verbal (cf. Tabela 3), o PB perdeu a propriedade *pro-drop* e o Princípio “Evite Pronome” – o que é assim expresso por DUARTE:

[o PB] perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente ‘rica’ para tal processo [e] convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características *pro-drop*, e um sistema em desenvolvimento, em que a ‘riqueza funcional’ perdida já não permite a identificação de *pro* (p. 131) [as frequências examinadas são] evidências quantitativas (...) reveladoras de um período de transição entre uma e outra faces do parâmetro, caracterizado pela perda do Princípio ‘Evite Pronome’ (p. 4).

Fator	p.r	n.	t.	%
Pessoa do discurso				
3ª pessoa do singular	.57	165	419	39
3ª pessoa do plural	.57	44	127	35
1ª pessoa do singular	.52	175	631	28
1ª pessoa do plural	.32	18	120	15
2ª pessoa do singular	.31	13	119	11
Correferência (estr. subordinadas)				
sim	.62	70	217	32
não	.36	22	188	12
Faixa etária				
< 46 anos	.62	190	491	39
36 a 45 anos	.46	126	475	27
25 a 35 anos	.41	99	458	22
Tipo sintático da oração				
Independente	.58	243	650	37
Completiva	.55	21	89	24
Adjunta posposta	.50	47	155	30
Raiz anteposta	.48	67	286	23
Raiz posposta	.44	17	65	26
Adjunta anteposta	.30	13	84	15
Relativa	.22	7	95	7
Tempo verbal				
Pretérito perfeito (ind.)	.64	149	385	39
Pretérito imperfeito (ind.)	.51	64	234	27
Subjuntivo	.49	12	60	20
Presente (ind.)	.43	186	715	26
Traço do referente (3ª pessoa)				
[+a / +gen.]	.71	36	64	56
[-animado]	.61	71	162	44
[+animado]	.41	102	320	32
Sexo do informante				
Masculino	.55	220	641	34
Feminino	.46	195	783	25
Material entre Spec IP e I <sup>0</sup>				
Negação e clíticos	.60	75	206	36
Advérbios leves	.52	37	102	37
Nenhum elemento	.48	303	1097	28

TABELA 4: Fatores significativos para a ocorrência do sujeito nulo, segundo DUARTE (1995).

Cabe observar que, de acordo com esses resultados, dos 29 fatores apontados como significativos para o comportamento da variável examinada, um fator se mostra neutro ( $p.r = .50$ ), 14 fatores desfavorecem o uso do sujeito nulo e os outros 14 atuam em favor do uso desse sujeito (ou seja, um número igual ao dos fatores desfavorecedores). Os valores relativos aos fatores dos grupos *faixa etária* e *pessoa do discurso* contidos nessa Tabela serão examinados mais adiante.

À semelhança da conclusão de TARALLO (1993b), as conclusões de DUARTE mostram-se problemáticas diante da concepção de mudança lingüística postulada na Gramática Gerativa, ou seja, os resultados quantitativos obtidos por essa autora não revelam a ocorrência de uma **mudança paramétrica** (entendida como a substituição de uma forma por outra) e nem podem ser interpretados como indicadores de uma mudança paramétrica ainda não concluída (ou seja, como uma fase de **reanálise diacrônica** ou como uma etapa de **passos**, nos termos de ROBERTS (1990)), conforme explicitado a seguir.

Em primeiro lugar, os resultados obtidos por DUARTE (1993) não indicam freqüências radicalmente reduzidas de sujeito nulo, que possam ser consideradas reflexo da ocorrência de um par de construção que é apenas de domínio passivo da comunidade – registrou-se uma freqüência que varia entre **18%** (1ª PS) e **45%** (3ª PS) de sujeito nulo; nessa análise, a autora não leva em conta o fator **idade**.

A mesma observação pode ser feita em relação à análise de DUARTE (1995), que, conforme já visto, registrou **21%** de ocorrência de sujeito nulo no **corpus** constituído de dados de **fala espontânea** (o que, evidentemente, não consiste **raridade**, nem mesmo freqüência radicalmente reduzida do fenômeno em questão) e na qual se examina a relação entre o uso do sujeito nulo e o grupo de fatores **idade**, isto é, busca-se a evidência do **tempo aparente** (cf. LABOV (1972)).

Em segundo lugar, os resultados exibidos na TABELA 4, mostram que:

- a) no que diz respeito ao grupo de fatores Pessoa do Discurso, a 3PS, a 3PP e a 1PS favorecem o uso do sujeito nulo;
- b) quanto ao grupo de fatores Faixa Etária, o grupo de informantes com idade superior a 46 anos favorece o uso do sujeito nulo (p.r. = .62), que é desfavorecido (não muito) pelos outros dois grupos observados (de 36 a 45 anos: p.r. = .46; 25 a 35 anos: p.r. = .41); os dois últimos valores são bastante próximos, o que significa que não há diferença de comportamento da variável nessas duas gerações.

Os resultados obtidos por DUARTE ao examinar o uso do sujeito nulo em relação a pessoa do discurso/faixa etária são interpretados pela autora como reveladores de uma mudança em progresso. Tais resultados podem ser vistos na TABELA 5 (cf. DUARTE:1995; p. 43; Gráfico 3.1):

GRUPOS DE INFORMANTES			
PESSOA	1 (54-74 ANOS)	2 (45-63 ANOS)	3 (22-35 ANOS)
1ª	33 %	21 %	21 %
2ª	20 %	6 %	8 %
3ª	50 %	35 %	29 %

TABELA 5: O uso do sujeito nulo, considerando os três grupos de informante em função da **idade**

Esses percentuais mostram que: o sujeito nulo de 1ª pessoa ocorre com uma mesma freqüência nos dois grupos mais jovens, e as freqüências relativas ao uso do sujeito nulo de 3ª pessoa também revelam que não há diferença acentuada nesses grupos. Diante desse resultado, a caracterização da “mudança” defendida por DUARTE como “em progresso”, nos termos labovianos, não pode ser aceita, ou seja, sob tal perspectiva, o percentual encontrado nos dados do grupo 3 (com idade de 22 a 35 anos) são inesperados – para ser interpretado como implementador da mudança, esse grupo (representante da geração mais jovem) deveria ter apresentado

percentuais significativamente inferiores aos que foram registrados nos dados do grupo 2.

A noção chomskiana de parâmetro “pro-drop”, que, conforme foi mostrado em 2.4.2, TARALLO não leva em conta, é assumida por DUARTE (1993), ao tentar explicar a mudança no PB por ela defendida (isto é, a perda da possibilidade de sujeito nulo nessa língua) – explicação essa que suscita diversas questões – mas não é a que orienta a análise de DUARTE (1995), segundo a qual a perda do caráter “pro-drop” não impede a presença de casos de sujeito nulo no PB.

### 3.2 O sujeito no português culto falado: evidência da possibilidade de sujeito nulo no PB

A caracterização do PB como “não-pro-drop” – defendida por TARALLO (1993b), DUARTE (1993) e DUARTE (1995) – não é, no entanto, corroborada por NICOLAU (1994), que, considerando os dois primeiros estudos acima mencionados, analisa quantitativamente o uso do sujeito nulo no português culto falado no Brasil (PCFB) a partir da hipótese de que esse uso se limita à presença de casos residuais, favorecidos por contextos específicos. Nessa análise, foi utilizado um **corpus** contendo dados extraídos de três inquéritos realizados com falantes cultos de São Paulo<sup>4</sup> e foram hipotetizados **nove** Grupos de Fatores responsáveis por uma, então, esperada preferência pelo uso do sujeito lexical: Tipo de Oração; Estatuto da Oração; Tipo de Forma Verbal; Tipo Categorical do Verbo; Tipo Semântico do Sujeito; Correferencialidade do Sujeito; Pessoa do Discurso; Tipo de Entrevista; Informante. Os resultados obtidos<sup>5</sup> mostraram-se surpreendentes, pois:

- (i) o uso do sujeito nulo foi registrado em 40% dos 471 dados<sup>6</sup> inicialmente examinados, que incluíam sete tipos de sujeito lexical (Expressão-R, SN complexo, Forma QU-, Pronome, Forma de tratamento, VP e CP) e quatro tipos de sujeito nulo (pro de referência definida, pro arbitrário, pro expletivo e PRO).

- (ii) o uso do sujeito **pro** referencial foi registrado em 44% das 198 ocorrências de sujeito pronominal encontradas no **corpus** após excluídos os casos de oração-segunda-coordenada com sujeito correferente (permitidos também nas línguas “não-pro-drop”) e todos os casos de sujeito [+ PLURAL] – exclusão essa motivada pela não-confirmação da hipótese inicial, formulada com base na análise de DUARTE (1993), que inclui apenas dados do singular.

Essas 198 ocorrências de sujeito pronominal foram submetidas a uma análise que considerou como variável dependente **o uso do sujeito pro referencial vs. o uso do sujeito pronominal pleno**. De acordo com os resultados dessa análise, tal variável mostrou-se sensível à atuação de três dos nove grupos de fatores estabelecidos e a opção pelo uso do sujeito **pro referencial** (registrada em 44% dos casos) mostrou-se favorecida pela maioria dos fatores incluídos em tais grupos, como atestam os valores da TABELA 6 (TABELA 4, de NICOLAU, 1994:13), abaixo:

GRUPO	FATOR	Nº/CASOS	%	PR
ESTATUTO DA ORAÇÃO	absoluta	11/32	34	.41
	1ª coord.	7/29	24	.17
	2ª coord.	9/14	64	.64
	Raiz	33/78	42	.60
	dependente	28/45	62	.61
TIPO	V NP	15/42	36	.42
CATEGORIAL	V inac.	48/69	70	.68
DE VERBO	V C/orac.	20/59	34	.47
	V outro/compl.	5/28	18	.24
PESSOA DO DISCURSO	1ª pessoa	19/101	19	.24
	2ª pessoa	5/10	50	.60
	3ª pessoa	64/87	74	.78
TOTAL =		88/198	44	

TABELA 6: Influência de fatores estruturais e não-estruturais sobre a ocorrência de sujeito pronominal nulo no PCFB, considerados os dados relativos às três pessoas do singular.

De um lado, os valores apresentados na TABELA 6<sup>7</sup> mostram o uso do sujeito nulo como um fenômeno relativamente freqüente, que figura como a opção preferida em casos de:

- i) oração 2<sup>a</sup> coordenada (com sujeito não-correferente)
  - (3) a. ... é porque sem querer eu vou apitando mais porque proarb tem que levantar proarb tem que vestir os dois e pro tenho que me vestir... (D2-SP)
  - b. ... nós vamos reconhecer veados... sem qualquer nível conotativo ai; mas pro é muito raro neste período (EF-SP)
- ii) oração raiz
  - (4) a. pro não sei exatamente se ele têm noção de tempo. (D2-SP)
  - b. ... pro já pensou [que que eu vou dizer pra ele ?] (D2-SP)
- iii) oração dependente
  - (5) a. porque pro acho muito cedo pra impor mas também (D2-SP)
  - b. [a peça de teatro (...)] pro Era pássaro de fogo me parece.(DID-SP)
- iv) Verbo inacusativo
  - (6) a. então pro vai trabalhar o dia inteiro, [que é como ...] (D2-SP)
  - b. [o menino (...)] pro levanta [...] (EF-SP)
- v) 2<sup>a</sup> Pessoa
  - (7) a. ... pro já pensou [que [que eu vou dizer pra ele ?] (D2-SP)
  - b. isso com cinco anos hein pro calcula o [que me espera mais tarde] (D2-SP)
- vi) 3<sup>a</sup> pessoa
  - (8) a. ... aliás, pro não E pajem [...] (D2-SP)
  - b. ... pro seria pré-iconográfico só ... (EF-SP)

NICOLAU (1994) conclui que esses resultados não confirmam a hipótese perseguida na sua análise, ou seja, não permitem que os casos de sujeito nulo encontrados nos dados do PCFB sejam caracterizados como meros “resíduos”.

De outro lado, os valores da TABELA 6 evidenciam uma significativa diferença entre o comportamento do sujeito de 1PS e o comportamento do sujeito de 3PS (confirmando, então, os resultados obtidos por DUARTE:1993, 1995): o sujeito de 1PS realiza-se mais freqüentemente como PLENO (sujeito PLENO de 1PS = 81%; sujeito nulo de 1PS = 19%), ao passo que o sujeito de 3PS se realiza mais freqüentemente como nulo (sujeito PLENO de 3PS = 26%; sujeito nulo de 3PS = 74%). Esses valores mostram, portanto, que os inesperados índices de uso do sujeito nulo encontrados nos dados do PCFB – mencionados em (i) e (ii) – se devem à alta freqüência do sujeito pronominal nulo de 3PS nesses dados.

A diferença entre o comportamento do sujeito de 1PS e o comportamento do sujeito de 3PS nos dados do PCFB é corroborada pela atuação dos grupos de fatores sobre a representação de cada um desses tipos de sujeito.

Na análise específica da representação do sujeito de 1PS,<sup>8</sup> os percentuais atribuídos aos fatores estabelecidos<sup>9</sup> mostram que esse sujeito é preferencialmente representado pelo pronome lexical, independentemente do Estatuto da oração, do Tipo de forma verbal, do Tipo categorial de verbo, do Tipo semântico do sujeito, da Correferencialidade do sujeito, do Tipo de entrevista e do Informante. De acordo com esses percentuais, não é possível, portanto, a identificação de um contexto lingüístico que favoreça o uso do sujeito nulo de 1PS nesses dados.

Na análise da representação do sujeito pronominal de 3PS, os percentuais obtidos mostram que esse sujeito – registrado, praticamente, apenas em oração declarativa – é preferencialmente representado pela categoria vazia pro em 19 dos 22 fatores, então, considerados.<sup>10</sup> De acordo com esses percentuais, a preferência pelo uso do sujeito nulo de 3PS independe do Tipo de forma verbal, do

Tipo semântico do sujeito e do Tipo de entrevista; além disso, o sujeito pro de 3PS é, relativamente, freqüente mesmo nos três fatores nos quais ocorre mais sujeito Pleno do que sujeito Nulo e que se incluem nos outros três grupos considerados (oração 1ª coordenada, verbo que subcategoriza complemento oracional e informante 473). Assim, ao contrário do que se observou em relação aos percentuais atribuídos ao uso do sujeito nulo de 1PS, verifica-se que os percentuais relativos ao uso do sujeito nulo de 3PS não permitem a configuração de um contexto lingüístico que favoreça a opção pela representação desse sujeito como LEXICAL.

Esses resultados reforçam a conclusão inicial, ou seja, constituem argumento contra a hipótese de que o PB estaria perdendo a possibilidade de sujeito nulo. Em primeiro lugar, o fato de não haver um contexto lingüístico favorecendo o uso do sujeito nulo em 19% dos dados de 1PS sugere que, apesar de relativamente baixo, esse percentual não traduz ocorrência de “meros resíduos”. Em segundo lugar, o fato de terem sido registrados 74% de casos de sujeito nulo de 3PS – aliado ao de não ter sido identificado um só contexto que esteja desfavorendo esse sujeito – afasta, definitivamente, a possibilidade de tais casos serem considerados “resíduos”, pois:

- (a) conforme observa CERQUEIRA (1993, NOTA 9), de acordo com RIZZI (1988), numa situação de mudança, não se verifica uma reestruturação imediata do sistema, e,
- (b) assim sendo, postular uma mudança do PB na direção de uma língua sem a possibilidade de sujeito nulo – uma mudança fortemente condicionada pelo fator pessoa do discurso e que se caracterizaria como ainda não completada (ou, nos termos de LABOV (1972), “uma mudança em progresso”) – seria, perfeitamente, compatível com uma relativa freqüência do sujeito pronominal nulo de 3PS; acontece, porém, que
- (c) a freqüência desse sujeito nos dados do PCFB é significativamente alta, de modo que,

- (d) com base nesse resultado, o referido sujeito mostra-se, indiscutivelmente, como a opção preferida nos dados do PCFB e
- (e) diante desse resultado, torna-se implausível admitir que a possibilidade de sujeito nulo de 3PS não constitui uma característica do PB; conseqüentemente,
- (f) não se pode dizer que, no PB, o sujeito pronominal nulo de 3PS é uma forma integrante de uma variante conservadora que está em competição com variante inovadora (que inclui o sujeito pronominal Pleno de 3PS), ou seja, não se pode falar de uma situação de mudança.

Os dados do PCFB não corroboram, portanto, a conclusão de TARALLO (1993b) – para quem uma das conseqüências da reorganização do sistema pronominal sofrida pelo PB ao final do século XIX foi a perda da possibilidade de sujeito nulo, o que consiste num dos indícios da ocorrência de uma mudança paramétrica nessa língua – nem corroboram a posição de DUARTE (1993), segundo a qual a redução no sistema flexional afetou as características de língua pro-drop que o PB exibia até 1937. Enfim, a representação do sujeito nos dados do PCFB constitui uma evidência de que o PB apresenta a possibilidade de sujeito nulo.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 4.1 O PB: uma língua “não-pro-drop”?

Os resultados das análises quantitativas apresentadas nas seções anteriores suscitam a seguinte questão:

- (9) Se, como postulam TARALLO (1993b) e DUARTE (1993, 1995), o PB caracteriza-se como uma língua “não-pro-drop”, como se explica o uso do sujeito nulo que, realmente se mostra pouco freqüente nos casos de 1PS – tanto nas análises de DUARTE quanto na análise de NICOLAU (1994) – mas figura como a

opção preferida nos casos de 3PS registrados na última análise mencionada?

Retomando os pressupostos fornecidos pelo modelo de P&P, a questão (9) revela, portanto, dois fatos incompatíveis:

- (i) a não-possibilidade de sujeito nulo como uma característica do PB – uma língua, em relação à qual o “parâmetro pro-drop” seria, então, marcado com o valor [-];
- (ii) a sensível presença de sujeito nulo nessa língua.

É que, de acordo com tais pressupostos, uma língua que seleciona o valor [+] de um determinado parâmetro inclui tanto as formas resultantes dessa marcação (positiva) quanto as formas resultantes da marcação do valor [-] desse parâmetro, mas uma língua que seleciona o valor [-] de um determinado parâmetro inclui, apenas, as formas resultantes dessa marcação negativa, ou seja, não inclui as formas resultantes da marcação positiva de tal parâmetro.

Essa incompatibilidade torna-se ainda mais acentuada diante dos resultados de outros estudos quantitativos que buscam descrever o uso do sujeito nulo no PB – PAREDES DA SILVA (1988), OLIVEIRA (1990) e MENON (1994) – como mostram os parágrafos abaixo.

PAREDES DA SILVA (1988) examina dados sincrônicos extraídos de cartas pessoais e registra, nesses dados, a preferência pelo uso do sujeito nulo, que se realiza mais freqüentemente na 1ª pessoa (83% em orações principais e 66% em orações subordinadas) do que na 3ª pessoa.

OLIVEIRA (1990) examina dados de cartas pessoais dos séculos XVII, XIX e XX e verifica que o sujeito nulo, tanto de 1ª quanto de 3ª pessoa, mostra-se altamente freqüente em todos os períodos de tempo considerados – nos dados sincrônicos, por exemplo, foram registrados 75% de sujeito nulo de 1ª pessoa e 89% de sujeito nulo de 3ª pessoa.

MENON (1994) busca demonstrar a impossibilidade do sujeito no PB e, para isso, utiliza dados extraídos de 68 Inquéritos do PROJETO NURC (dados, também, do PCFB). A autora examina o uso

do sujeito pronominal de 1<sup>a</sup> pessoa em 9.384 dados, nos quais registra **39,2%** de uso do sujeito nulo de 1<sup>a</sup> pessoa do singular e **39,9%** de uso do sujeito nulo de 1<sup>a</sup> pessoa do plural.

Considerando-se esses resultados, a questão (9) deve, então, ser reformulada como (10):

- (10) Se, como postulam TARALLO (1993b) e DUARTE (1993, 1995), o PB caracteriza-se como uma língua “não-pro-drop”, como se explica, nessa língua, o uso do sujeito nulo, que às vezes se mostra como a opção preferida, tanto na 1<sup>a</sup> quanto na 3<sup>a</sup> pessoa?

#### 4.2 Sobre o estatuto de estudos variacionistas na construção de uma teoria da gramática

A explicação para as conclusões a que chegam TARALLO (1993b), MENON (1994) e DUARTE (1993, 1995) – de que o PB deixou de ser *pro-drop* – reside no fato de esses autores atribuírem aos resultados quantitativos por eles examinados uma interpretação que busca colocar em harmonia fenômenos que, sob a perspectiva do modelo de P&P, se contradizem. De acordo com a literatura (cf. CHOMSKY:1981; CHOMSKY & LASNIK:1993), parâmetro é concebido como uma propriedade que é binariamente marcada, ou seja, marcada apenas +/-, e a marcação negativa de um parâmetro deriva propriedade(s) que se faz(em) presente(s) também nos casos em que esse parâmetro recebe marcação positiva; falando mais claramente: se um parâmetro **X** marcado [+**X**] deriva um fenômeno (ou conjunto de fenômenos) **A** e marcado [-**X**] deriva um fenômeno (ou conjunto de fenômenos) **B**, uma língua **L1**, em relação à qual se verifica [-**X**], apresenta apenas **A**, ao passo que uma língua **L2**, em relação à qual se verifica [+**X**], apresenta **B** e, também, **A**. Dessa concepção, pode-se inferir que uma mudança paramétrica deverá, necessariamente, ser traduzida através de uma destas formas:

- (i) [+X] em relação a uma língua **L**, caracterizada pela presença de **A** e **B**, passou a [-X]; em conseqüência, **L** passou a se caracterizar pela presença de **A** e a ausência de **B**.
- (ii) [-X] em relação a uma língua **L**, caracterizada pela presença de **A** e a ausência de **B**, passou a [+X]; em conseqüência, **L** passou a se caracterizar pela presença de **A** e **B**.

Isso significa que a Teoria Gerativa, no âmbito da qual se postula a mudança paramétrica, enxerga, portanto, o *produto de uma mudança* mas, não, o *processo dessa mudança*, que implica a co-ocorrência (ou condições de uso) de variantes em competição. Essa Teoria – que busca explicar a faculdade da linguagem humana – se interessa pela língua enquanto uma abstração, ou seja, pelas propriedades que caracterizam (distinguindo e/ou aproximando) as diferentes **gramáticas**, que legitimam as expressões lingüísticas; não tem como objetivo explicar o **uso** das expressões lingüísticas legitimadas por essas **gramáticas**.

A co-ocorrência de variantes – em competição, ou não (isto é, que pode, ou não, culminar numa mudança) – constitui, sim, o objeto da Sociolingüística Variacionista, cuja preocupação é exatamente descrever os casos de *variação*, buscando identificar os fatores que explicam essa co-ocorrência (comumente referida na literatura como Variável lingüística) e caracterizando essa variável como “mudança em progresso” ou “variável estável”.

Enfim, os objetivos e as tarefas a que se propõe a Gramática Gerativa são inequivocadamente distintos dos objetivos e das tarefas a que se propõe a Sociolingüística Variacionista.

O fato de essa distinção não ser levada em conta é que explica a seguinte contradição encontrada nas análises de TARALLO (1993), MENON (1994) e DUARTE (1993, 1995): a perda da marcação positiva de um parâmetro e a presença de fenômeno derivado da marcação positiva desse parâmetro. Essa contradição é explicitamente assumida por DUARTE (1995), que propõe o seguinte:

- (a) o PB “perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop*”, na medida em que teve o seu paradigma flexional reduzido a ponto de se tornar incapaz de identificar o sujeito nulo **pro** (p. 131);
- (b) as freqüências por ela examinadas são “evidências quantitativas (...) reveladoras de um período de transição entre uma e outra faces do parâmetro, caracterizado pela perda do Princípio ‘Evite Pronome’ (p. 4);
- (c) o PB continua exibindo o sujeito pronominal **pro** porque as perdas mencionadas em (a) e (b), que constituem mudanças na *gramática*, não afetaram o *uso da língua* – o que justifica o fato de esse sujeito, presente na fala dos treze informantes que produziram os dados por ela analisados, ter sido registrado em freqüências consideráveis, inclusive no grupo de informantes mais jovens, como mostra a Tabela 5, que, por conveniência, será repetida a seguir:

GRUPOS DE INFORMANTES			
PESSOA	1 (54-74 ANOS)	2 (45-63 ANOS)	3 (22-35 ANOS)
1 <sup>a</sup>	33 %	21 %	21 %
2 <sup>a</sup>	20 %	6 %	8 %
3 <sup>a</sup>	50 %	35 %	29 %

Em síntese, DUARTE defende que: é possível uma língua **L** caracterizada pela marcação positiva de um parâmetro **P** passar a ser uma língua caracterizada pela marcação negativa de **P**, e os falantes de **L [-P]** produzirem, apenas em freqüências menores, os fenômenos derivados de **L [+P]**. Tal fato sugere que resultados de análises realizadas à luz de um modelo teórico preocupado em explicar *a realização de opções* oferecidas pela gramática não podem ser interpretados como se tivessem sido obtidos através de análises realizadas à luz de um modelo teórico que busca explicitar

*propriedades* da gramática; em outras palavras, que não se pode concluir sobre *o que é a língua* (uma das questões perseguidas pela Gramática Gerativa) com base em resultados obtidos através da utilização de um modelo preocupado com *o uso da língua* (o que tem sido, explícita e reiteradamente, mencionado por CHOMSKY (1986, 1988, 1993, 1995) como uma questão a se considerar numa teoria da linguagem, mas excluída dos objetivos da referida Gramática).

Essa contradição – que parece prevista em ROBERTS (1993), segundo o qual nem toda queda de frequência pode ser “tomada como diagnóstico de uma possível variação paramétrica” – sugere que os resultados de estudos variacionistas não se coadunam com a noção de mudança paramétrica; mais exatamente, essa contradição aponta para a necessidade de se colocar em pauta a seguinte questão:

É possível, conforme propõem TARALLO & KATO (1989), a conciliação entre a Sociolingüística Variacionista e a Gramática Gerativa?

### **4.3 Sobre o uso do sujeito pronominal lexical no PB**

De um lado, os resultados das análises quantitativas atestam que o PB permite o sujeito nulo. De outro lado, nessas análises, o sujeito nulo de 1ª pessoa apresenta um comportamento bastante diferenciado, como se pode ver a seguir.

Os resultados do estudo sincrônico de LIRA (1982) mostram que o sujeito lexical é mais usado do que o sujeito nulo, cuja frequência em relação à *pessoa* pode ser expressa através de (11):

(11) [% SUJEITO NULO DE 3PS > % SUJEITO NULO DE 1PS]

Mas os percentuais obtidos através da abordagem, também sincrônica, de PAREDES DA SILVA (1988) revelam a preferência pelo

uso do sujeito nulo e, além disso, um maior favorecimento desse tipo de sujeito pela 1PS do que pela 3PS, ou seja, uma relação exatamente oposta a (11) e que pode ser expressa através de (12):

(12) [% SUJEITO NULO DE 1PS > % SUJEITO NULO DE 3PS]

Nos dados sincrônicos analisados por OLIVEIRA (1990), a opção preferida também é o sujeito nulo, tanto na 1ª pessoa quanto na 3ª pessoa. Já os resultados obtidos por DUARTE (1993) apontam uma crescente queda nos percentuais de uso do sujeito pronominal nulo ao longo do período compreendido entre 1845 e 1992, e os dados sincrônicos analisados por DUARTE (1993, 1995) – nos quais são registradas freqüências relativamente baixas de uso do sujeito nulo – também refletem a relação expressa em (11). Essa mesma relação é ainda encontrada no estudo sincrônico de NICOLAU (1994), que, ao lado de freqüência bastante alta de uso do sujeito nulo de 3PS, registra freqüência relativamente baixa de uso do sujeito nulo de 1PS nos dados do PCFB. Mas, de acordo com os resultados obtidos por MENON (1994) – que, como NICOLAU (1994), utiliza dados do Projeto NURC – o sujeito nulo de 1ª Pessoa (tanto singular, quanto plural) é usado numa freqüência relativamente alta.

Diante desses resultados, parece que, se há uma questão a ser respondida em relação à representação do sujeito no PB, essa questão é a seguinte:

(13) Se os resultados das análises quantitativas aqui examinadas constituem evidência de que o PB apresenta a possibilidade de sujeito NULO, como se explicam as altas freqüências de uso do sujeito PLENO de 1PS registradas por LIRA (1982), DUARTE (1993, 1995) e NICOLAU (1994)?

Cabe, então, ressaltar que:

- a) os fatos envolvidos pela questão (13) são, em princípio, conciliáveis: de acordo com o modelo de P&P, a possibilidade de sujeito nulo numa dada língua e a presença de alta

freqüência de sujeito pleno em determinados con(textos) são fatos perfeitamente compatíveis;

- b) a busca de uma resposta para (13) – que remete à questão do uso da língua – não se inclui entre os objetivos do presente artigo, mas é, sem dúvida, uma motivação para a realização de outros trabalhos.

#### 4.4 A aparente contradição revelada pelos números

Em todas as análises quantitativas aqui invocadas, foi registrada a presença do sujeito nulo, que:

- (i) em alguns dos **corpora** examinados, mostra-se pouco freqüente – fato que, em certos casos, se explica pelos baixos índices de uso desse sujeito nos dados de 1ª pessoa;
- (ii) nos outros **corpora**, mostra-se bastante freqüente, tanto nos dados de 3ª pessoa quanto nos dados de 1ª pessoa – e em um dos casos, apresenta uma freqüência mais alta nos dados de 1ª pessoa do que a registrada nos dados de 3ª pessoa.

À luz de pressupostos fornecidos pelo modelo de P&P, esses resultados deixam, portanto, evidente que: a contradição que, à primeira vista, há entre os altos índices de uso do sujeito nulo no PB (registrados por PAREDES DA SILVA:1988, OLIVEIRA:1990 e NICOLAU:1994) e a caracterização do PB como uma língua *não-pro-drop* (defendida por TARALLO:1993b, DUARTE:1993/1995 e MENON:1994) é apenas aparente, pois decorre da interpretação que esses últimos autores atribuem às freqüências de uso do sujeito nulo nas quais baseiam suas conclusões.

Os resultados das diversas análises quantitativas da representação do sujeito que foram aqui examinados mostram, portanto, que o PB, assim como o PE, continua sendo uma língua que apresenta

a possibilidade de sujeito nulo; assim sendo, se é que ao final do século XIX ocorreu – como afirma TARALLO (1993b:99) – a emergência de uma nova gramática (uma gramática brasileira), **os referidos resultados não constituem indícios dessa nova gramática.**

## NOTAS

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão do Capítulo 2 da minha Tese de Doutorado (intitulada *AS PROPRIEDADES DE SUJEITO NULO E ORDEM VS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*, defendida em 1995 na UNICAMP, sob a orientação da Profa.. Dra. Mary Kato), modificado apenas em seus aspectos formais de modo a constituir um texto independente.

<sup>2</sup> Os resultados desses dois estudos – PAREDES DA SILVA (1988) e OLIVEIRA (1990) – considerados no presente artigo foram retirados de DUARTE (1993).

<sup>3</sup> Os resultados desses dois estudos – TARALLO (1983, 1985) – considerados no presente artigo foram retirados de TARALLO (1993b).

<sup>4</sup> Esses Inquéritos incluem-se entre os 15 Inquéritos do Corpus/NURC que vêm sendo utilizados pelo PROJETO DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO.

<sup>5</sup> Essa análise quantitativa foi realizada com a utilização do programa VARBRUL, versão 3 (cf. ROUSSEAU e SANKOFF, 1978).

<sup>6</sup> O estudo aqui apresentado não teve como objetivo descrever a possibilidade da ordem VS no PB e, por isso, não foram analisados os casos como “...de vez em quando sai uma briga...”, que têm sido analisados como estruturas contendo o sujeito posposto; os 40 casos desse tipo encontrados no *corpus* foram, portanto, descartados da análise, o que implicou essa redução no número de dados analisados.

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que, nesses três Grupos de Fatores apontados como significativos em relação ao comportamento da variável examinada, a curva dos percentuais atribuídos aos fatores está em total harmonia com a curva dos PRs correspondentes, conforme expressam as seqüências abaixo:

ESTATUTO DA ORAÇÃO: % = 34 > 24 < 64 > 42 < 62  
PR = .39 > .19 < .73 > .58 < .59

TIPO CAT. DE VERBO: % = 32 > 13 < 34 < 70 > 22  
PR = .39 > .12 < .53 < .61 < .44

PESSOA DO DISCURSO: % = 19 < 44 < 74

PR = .21 < .52 < .83

<sup>8</sup> Essa análise buscou identificar a freqüência do sujeito Nulo de IPS em cada um dos fatores estabelecidos, tendo em vista a seguinte hipótese: os casos de sujeito **nulo** de IPS registrados nos dados do PCFB são “residuais” e, portanto, se concentram em poucos fatores, o que permite a configuração dos contextos nos quais ainda ocorrem.

<sup>9</sup> Dentre os 24 fatores considerados, apenas 10 apresentaram um número significativo de ocorrências (mais de 5) de sujeito nulo; em todos os fatores aos quais foram atribuídos percentuais confiáveis, a freqüência de sujeito Nulo mostrou-se inferior a 50%.

<sup>10</sup> Na interpretação desses dados, foram considerados apenas os 22 fatores que apresentaram número significativo de ocorrências (isto é, um número igual ou superior a 5 casos, tanto de sujeito Nulo quanto de sujeito lexical).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERLINCK, R. de A. *A Ordem VSN no português do Brasil: Sincronia e Diacronia*, Unicamp, Dissertação de Mestrado, 1988.
- \_\_\_\_\_. “A construção V SN no português do Brasil: Uma visão diacrônica do fenômeno da ordem, in F. Tarallo (org.), *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas/SP Pontes Editores, p.95-112, 1989.
- CERQUEIRA, V. C. “A forma genitiva ‘dele’ e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro”. in: M. Kato & I. Roberts (eds.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP Editora da Unicamp, 1993. p.129-162.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Some Concepts and Consequence of the Theory of Government and Binding*. Cambridge. Mass., The MIT Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York, Praeger, 1986.
- \_\_\_\_\_. Some Notes on Economy of Derivation and Representation. in Freidin, R. (ed.) *Principles and Parameters in Comparative Syntax*. Cambridge Mass., The MIT Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. Sur la Nature, L’utilisation et L’Acquisition du Language. in *Linguistique et Cognition: Réponses à Quelques Critiques de la Grammaire Générative*. Paris, 1990. p.21-44.

- CHOMSKY, N. Minimalist Program for Linguistic Theory. *MIT Occasional Papers in Linguistics, Number 1*. Cambridge, Mass., MIT, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Bare Phrase Structure*. Cambridge, Mass., MIT, 1994. ms.
- \_\_\_\_\_. *Capítulo 4 (The Minimalist Program)*. Cambridge, Mass., MIT, 1995. ms.
- CHOMSKY, N. & H. LASNIK. Principle and Parameters Theory. In: J. Jacobs, A. van Stechow, W. Sternefeld, and T. Venemann (eds.) *Syntax: an International Handbook of Contemporary Research*. Berlin, Gruyter, 1993.
- DUARTE, M. E. L. “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil”. in: M. Kato & I. Roberts (eds.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1993. p.107-128.
- \_\_\_\_\_. *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Campinas/SP, Unicamp, Tese de Doutorado, 1993
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. *La position sujet en Portugais Brésilien - dans les phrases finies et infinitives*. Université de Genève, Tese de Doutorado, 1994.
- GALVES, C.C. *Subjects and operators in Brazilian Portuguese*. Campinas/SP, Unicamp, 1991a. ms.
- \_\_\_\_\_. *Agreement and subjects in Brazilian Portuguese*. Campinas/SP, Unicamp, 1991b. ms.
- \_\_\_\_\_. *Inflected infinitive and AGR Licensing*. Campinas/SP, Unicamp, 1992. ms.
- \_\_\_\_\_. “O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro”. in: M. Kato & I. Roberts (eds.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1993. p.387-408.
- HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronoms. *Linguistic Inquiry*, 15: 531-74, 1984.
- JAEGGLI, O. & SAFIR, K. J.) “The Null Subject Parameter and Parametric theory”. in: O Jaeggli & K. Safir. (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht, Kluwer, 1989. p.1-44.
- KATO, M. A. *Word Order Change: The Case of Brazilian Portuguese Wh-Question*. Paper presented at the 11th International Congress of Historical Linguistics, UCLA. 1993.
- \_\_\_\_\_. *Português Brasileiro Falado: Aquisição em Contexto de Mudança Lingüística*. Congresso Internacional sobre o Português, Lisboa, 1994.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Paterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LASNIK, H. & J. URIAGEREKA. *A Course in GB Syntax - Lecture on Binding and Empty Category*. Cambridge. Mass., The MIT Press, 1988.

- LIRA, S. *Nominal, pronominal and Zero Subject in Portuguese*. Philadelphia, University of Pennsylvania, Tese de Doutorado, 1982.
- MENON, O. P. S.) *Português: língua de sujeito nulo?* Comunicação Apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador/BA, 1994.
- NEGRÃO, E. & A. L. MÜLLER) *As Mudanças no Sistema pronominal do Português Brasileiro: Substituição ou Especialização de Formas?* São Paulo, USP, 1994. ms.
- NICOLAU, E. M. D. *Sobre o Sujeito Nulo no Português Culto Falado no Brasil*. Comunicação Apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN, Salvador/BA, 1994.
- RAMOS, J. *Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português do Brasil: Uma Abordagem Gerativa e Variacionista*. Campinas, Unicamp, Tese de Doutorado, 1992.
- RIZZI, L. "Null Objects in Italian and the Theory of pro". *Linguistic Inquiry*, 17:501-557, 1986.
- ROBERTS, I. *Two Types of Head Movement in Romance*. University of Wales, 1992. ms.
- \_\_\_\_\_. *Verbs and Diachronic Syntax - a Comparative History of English and French*. Universidade de Wales, 1993.
- TARALLO, F. L. "Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro". in: M. Kato & I. Roberts (eds.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica* Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1993a. p.35-68.
- \_\_\_\_\_. "Diagnosticando uma gramática brasileira", in: M. Kato & I. Roberts (eds.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica* Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1993b. p.69-105.
- TARALLO, F. & M. A. KATO "Harmonia Trans-sistêmica: Variação Intra- e Inter-Lingüística". *Preedição*, 5. Campinas/SP, 1989.
- WEINREICH U., W. LABOV & HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change, IN: W. Leihmann & Y. Malkiel (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.